

A bossa da conquista

Fernando Henrique Cardoso e Tasso Jereissati jantando juntos não chega a se constituir num fato inédito nem tampouco inusitado. Mas, considerando que o processo da sucessão está em curso sob o comando do presidente e, levando em conta também a força de Tasso dentro do PSDB, só isso já confere caráter especial à visita do fim de semana.

FH está em franco processo de assédio eleitoral e partidário a Tasso Jereissati, cujo potencial desagregador – e também agregador – na seara tucana é imenso. Mais influência, relações e capacidade de articulação interna do que ele, só Mário Covas dispunha. Como um dos pressupostos básicos para a candidatura governista é a unidade do partido, qualquer desacerto com Tasso seria desastroso.

Se, por hipótese, amanhã ficasse resolvido que o ministro José Serra seria mesmo o candidato e Tasso se sentisse, com isso, preterido, desprestigiado ou de alguma forma maltratado, o risco de se abrir uma dissidência em favor de Ciro Gomes entre a tucanagem seria enorme.

O momento, portanto, é de render todas as homenagens a Tasso Jereissati e mostrar a ele que, se porventura não recair sobre seu nome a escolha do partido, isso foi resultado do processo político e não produto de vetos, rejeições ou conflitos pessoais.

No partido, reconhece-se que as insatisfações de Tasso não são desprovidas de sentido. Mário Covas era o grande aliado interno dele e Antonio Carlos Magalhães seu esteio externo. Junte-se a essas ausências – uma física, outra política –, o baque das escolhas de Sérgio Machado (um adversário no Ceará) para a liderança do partido no Senado e de Jutahy Magalhães (muito ligado a José Serra) para líder na Câmara, de fato têm-se um cenário desconfortável para Tasso Jereissati.

O trabalho de reconstrução de um espaço privilegiado, correspondente ao significado do governador na vida tucana, começou com a escolha do deputado José Aníbal para presidente do partido. Homem ligado a Covas, Aníbal tem bom trânsito com Tasso e digamos que não seja um amigo de fé, irmão, camarada de José Serra.

O ministro da Saúde, por sua vez, tem telefonado constantemente para Tasso de modo a estreitar vínculos, enquanto Fernando Henrique vai cuidando de azeitar as relações e manter abertos os caminhos de influência de Tasso nas decisões do partido.

É evidente que o receio maior recai sobre o potencial de prejuízo que o governador pode causar, embora o trabalho de reconquista não se paute apenas pelo medo do estrago. Justifica-se também pelo desejo de que – se não for o candidato – venha a cumprir o papel de mestre-de-obras do projeto do PSDB para a era pós-FH.